

A autoria docente na educação em ciências: discurso e práxis

Teaching authorship in science education: discourse and praxis

Júlio César David Ferreira

Professor do curso de Licenciatura em Educação do Campo: Ciências da Natureza
Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação: TPEn
Universidade Federal do Paraná
ferreirajcd@ufpr.br

Ismair Ignácio Junior

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação: TPEn
Universidade Federal do Paraná
ismairigjr@yahoo.com.br

Shamia Patrícia Silveira de Souza

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação: TPEn
Universidade Federal do Paraná
shamiapatricia@gmail.com

Resumo

A partir da vertente francesa da Análise de Discurso, o presente trabalho visa à compreensão da noção de práxis discursiva, sobretudo na assunção da autoria docente e no processo de mediação didática. Consiste no estudo do processo autoral enquanto materialização da práxis, o encontro entre ideologia e inconsciente no discurso, o dizer-fazer nas aulas de ciências. Para Michel Pêcheux a materialidade discursiva é um nível essencial de existência sócio-histórica, uma conjunção entre o simbólico e o real que possibilita novas condições verbais de existência, e na qual a autoria docente pode ser compreendida em sua concretude.

Palavras-chave: autoria, discurso, práxis, professor-autor.

Abstract

From a French perspective of Discourse Analysis, the present work aims at understanding the notion of discursive praxis, especially in the assumption of teaching authorship and in the process of didactic mediation. It consists of a study of the author process as materialization of praxis, the encounter between ideology and the unconscious in discourse that is the “say-do” in science classes. For Michel Pêcheux, discursive materiality is the essential level of socio-historical existence, a conjunction between the symbolic and the real that makes possible new verbal conditions of existence, and in which teacher authorship can be understood in its concreteness.

Keywords: authorship, discourse, praxis, teacher-author.

Introdução

A docência requer de nós, professores, uma constante postura autoral, não somente no sentido empírico, de produção de materiais e ideias, mas em nossa relação com a linguagem, no campo do discurso enquanto práxis simbólica que intervém no real, que historiciza nossos dizeres e afeta o modo como nossas aulas significam para nossos estudantes. Ser professor é, nesse sentido, ser autor.

Este trabalho de natureza teórica está voltado para o processo autoral, uma função essencial do sujeito do discurso, sobretudo na posição professor-autor (FERREIRA; OLIVEIRA, 2016), na articulação do discurso pedagógico enquanto materialidade específica da práxis docente e do complexo movimento de mediação didática, um “processo de constituição de uma realidade a partir de mediações contraditórias, de relações complexas, não imediatas. Um profundo sentido de dialogia” (LOPES, 1999, p. 209).

Na prática docente mobilizamos sentidos na tensão e nas contradições entre o discurso científico e o discurso pedagógico, não coincidentes em suas condições de produção, mas que constituem dois domínios que não se desvinculam das experiências cotidianas dos estudantes e que, também por essa razão, precisam de mediação, seja dos professores das ciências da natureza, seja das demais áreas do conhecimento se pensarmos que a educação escolar deve estar pautada pela totalidade dos constructos científicos e culturais humanos e não pela fragmentação disciplinar.

A partir da perspectiva dos estudos discursivos da escola francesa, o presente trabalho visa à compreensão da noção de práxis discursiva, sobretudo na assunção da autoria docente e no processo de mediação didática. Nossa abordagem teórica delinea, portanto, os processos autorais enquanto materialização da práxis por meio do discurso, o encontro entre o dizer e o fazer nas aulas de ciências.

Pilares teóricos

Nosso referencial teórico-metodológico é a Análise de Discurso francesa, fundada por Michel Pêcheux na década de 1960 e pioneiramente representada no Brasil por Eni Orlandi. A Análise de Discurso afirma a inseparabilidade entre ideologia e inconsciente na materialidade discursiva e este é um dos pontos centrais da teorização de Pêcheux: o materialismo (ORLANDI, 2012).

Enquanto “mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social” (ORLANDI, 2005, p. 15), a linguagem implica em *discurso*, “efeito de sentidos entre locutores” (PÊCHEUX, 2009). O estudo da linguagem requer que consideremos o sentido do dizer em sua materialização histórica: “a linguagem só faz sentido porque se inscreve na história” (ORLANDI, 2005, p. 25). Dito de outro modo, a linguagem não é neutra, transparente ou uniforme; se constitui como o campo mais propício para a manifestação da ideologia.

Importa destacar que por ideologia, não estamos nos referindo à distorção da realidade ou visão do mundo, mas a um processo que possibilita a relação significante-significado (palavra-coisa); é o reconhecimento de que os significantes não estão diretamente ligados aos significados, nem são reflexos de evidências (ORLANDI, 2005). A ideologia preenche quaisquer que sejam as lacunas entre palavras (ícones, grafias, sons etc.) e coisas (objetos, ideias, conceitos, fenômenos etc.) tornando possível a relação entre o pensamento, a linguagem e o mundo em um processo no qual o sujeito se insere e significa historicamente na sua práxis simbólica.

A ideologia se liga inextricavelmente à interpretação enquanto fato fundamental que atesta a relação da história com a língua, na medida em que esta significa. A conjunção língua/história também só pode se dar pelo funcionamento da ideologia (ORLANDI, 2005, p. 96).

Enquanto sujeitos do discurso, temos uma relação dinâmica com a história, questionamos e interferimos na ordem dos sentidos que se cristalizam juntamente com as práticas no interior das formações discursivas. Em outras palavras, nos posicionamos discursivamente de acordo com nossas formações ideológicas que se materializam em nossos dizeres. Acessamos, assim, determinadas regiões de uma memória discursiva, ao mesmo tempo desconsiderando outras.

Todo discurso encontra-se na interseção de dois eixos: o da memória (interdiscurso ou constituição) e o da atualidade (intradiscurso ou formulação). A memória representa a base do dizível que constitui os “novos” discursos pela sua historicidade, enquanto a atualidade diz respeito à apropriação e formulação dos dizeres pelo sujeito em determinadas situações enunciativas, ainda que haja o bloqueio desse movimento significativo em alguns casos, como, por exemplo, nas interlocuções que têm em um de seus polos uma postura autoritária (ORLANDI, 2011). Nesses casos, sujeito e sentido se estabilizam, não reverberam, somente se repetem (ORLANDI, 2005). Podemos, assim, distinguir três formas de repetição:

- *empírica* (mnemônica) — só repete, como um efeito “papagaio”;
- *formal* (técnica) — outro modo de dizer o mesmo;
- *histórica* — desloca, permite o movimento porque historiciza o dizer e o sujeito, fazendo fluir o discurso, nos seus percursos, trabalhando o equívoco, a falha, atravessando as evidências do imaginário e fazendo o irrealizado irromper no já estabelecido (ORLANDI, 2005, p. 54).

Na Análise de Discurso, a repetição implica em retomada, em produção. A noção de autoria à qual nos referimos compreende um processo que historiciza o dizer (pedagógico) e o sujeito (professor), constituídos como possibilidades de ruptura de saberes já estabilizados. A historicização do dizer e do sujeito é condição imprescindível ao trabalho do *professor-autor*.

Docência e autoria

É em Oliveira (2006) que encontramos a primeira teorização sobre a ideia de *professor-autor*, uma importante posição do sujeito no campo da prática docente. A autora trata esse processo como um trabalho de deslocamento dos efeitos de sentido dos já-ditos de uma memória discursiva. O professor-autor, além de romper com o instituído, orienta sua prática por questões como: “para quem” é o meu discurso?; “por que” o meu discurso?; “como” é o meu discurso? (OLIVEIRA, 2006).

A posição-sujeito professor-autor funda novas discursividades no contexto didático, como, por exemplo, o encontro entre a linguagem científica e a linguagem artística assinalado em diversas pesquisas contemporâneas sobre múltiplas linguagens nas aulas de ciências, como a ficção científica, o documentário científico, a expressão corporal, histórias em quadrinhos, música, fotografia, pintura, poesia etc. (FERREIRA, 2016; CAZÓN, 2016; GONÇALVES, 2016; KATAHIRA, 2014; TELLEZ, 2014 entre outras). Múltiplas linguagens, como essas mencionadas, nas aulas de ciências potencializam a produção de sentidos, tanto para o referente científico quanto na formação científico-cultural mais ampla dos sujeitos. Nesse viés, a autoria docente é também um movimento de aproximação e problematização de contextos diferentes de significação sobre o universo científico, contextos que fazem parte da vida cotidiana e que demandam constante mediação didática, requerem

uma posição-sujeito muito particular no discurso: o professor-autor.

Podemos afirmar que a posição de professor-autor é sempre um pressuposto: não há, na atividade docente, total subordinação ou “plágio”, mas sim diferentes graus de estabilidade em determinada formação discursiva. Para dizer, o sujeito do discurso se apoia em discursos anteriores, pois a historicidade é a base do dizível. Por outro lado, esse sujeito também deverá se afirmar como autor de seu texto/discurso em modos específicos de formulação/constituição discursiva que são assegurados pela complexidade e “atualidade” das condições de produção desse dizer-fazer, seja no contexto imediato da enunciação, seja no contexto sócio-histórico e ideológico (FERREIRA, 2016).

As especificidades na formulação/constituição dos sentidos que circulam no discurso pedagógico são elementos fundamentais para a assunção da autoria professoral. Seja na mobilização de diferentes bases materiais para o discurso, as múltiplas linguagens, seja nas formas de dizer e ouvir ou na busca pela mediação didática ou pela desautomatização do discurso científico, o professor sempre encontrará diferentes possibilidades de ocupar o seu lugar no discurso, na sua práxis discursiva de professor-autor (FERREIRA, 2016, p. 66).

A importância deste aporte teórico se deve ao fato de valorizarmos a problematização do discurso científico e do pedagógico, como requisito para a construção de uma perspectiva epistemológica em que se estabeleçam relações entre a produção do conhecimento científico e o ensino de ciências. Discursivamente, o conhecimento científico se constitui como um fazer persuasivo marcado por pretensos efeitos de evidência empírica, estabilidade, objetividade e imparcialidade, conforme nos apresenta Coracini (2007). Para a autora, o discurso científico é predominantemente

argumentativo e, em seu funcionamento primário, dirige-se a um ouvinte situável no tempo e no espaço: o grupo de especialistas da área. Pressupõe um ouvinte conhecedor da matéria, dos métodos utilizados normalmente na área e interessado na pesquisa a ser relatada. Intenção: convencer da validade da pesquisa relatada e do rigor da mesma (CORACINI, 2007, p. 42).

Nesse sentido, uma abordagem epistemológica dos conceitos científicos contribuiria para pelo menos pôr em questão aspectos naturalizados da ciência como: verdade, provisoriamente, objetividade, neutralidade. Na educação em ciências, a metalinguagem, a monologia e os efeitos de evidência do discurso científico falham, pois na sala de aula ocorrem múltiplos deslocamentos de sentidos. Nas aulas de física, por exemplo, ao ensinarmos o conceito de trabalho mecânico, precisaremos, inevitavelmente, mobilizar sentidos de um “lugar comum” sobre a ideia de trabalho rumo à pretensa relação entre a transferência de energia a um corpo por meio da aplicação de uma força e o seu deslocamento. Mais do que o deslocamento físico de quaisquer que sejam os objetos sob análise, serão deslocados sentidos para o que significa trabalho, pois na vida cotidiana, nas relações empíricas da contemporaneidade, a realização de trabalho pode se dar em contextos diversos que não implicam, necessariamente, em um deslocamento diferente de zero ($\Delta s \neq 0$). Todas essas possibilidades de sentidos sempre estão em jogo na aula enquanto ato pedagógico, o que requer constante mediação didática, não somente frente à polissemia própria do funcionamento da linguagem, mas, principalmente, em nossa postura autoral que se concretiza no modo como nos colocamos discursivamente nesses cenários. A práxis discursiva se realiza à medida que nós, professores, no ato pedagógico, nos afastamos da lógica “é-porque-é” que muitas vezes se instaura, autoritariamente, nas relações de ensino-aprendizagem. Somos professores-autores quando seguimos na direção oposta e trabalhamos com a polêmica dos significados, na mediação das relações contraditórias que se estabelecem a todo momento na sala de aula.

Sobre a práxis discursiva

Para Pêcheux (2009), a materialidade discursiva é um importante nível de existência sócio-histórica, portanto quaisquer objetos de análise (políticos, científicos, estéticos, ideológicos) significam sob determinadas *condições verbais de existência* em uma conjuntura histórica dada. As condições verbais de existência dos objetos permitem, portanto, o pleno exercício da língua, um real específico enquanto materialidade do discurso (ORLANDI, 2012). E se, nesse viés, o discurso é “um elemento particular da materialidade ideológica” (ORLANDI, 2012, p. 45), o discurso pedagógico (com suas várias formações discursivas permitindo determinados dizeres e impossibilitando outros) é institucionalmente privilegiado para a materialização dos processos de mediação. Desse modo, o discurso pedagógico é uma materialidade específica da práxis professoral.

Vale sublinhar que o conceito de práxis ao qual nos referimos está fundamentado na filosofia marxista, epistemologicamente constitutiva da Análise de Discurso. O sujeito do discurso (se) significa o (no) próprio mundo, “realiza” sentidos em sua prática:

[...] a linguagem é uma prática; não no sentido de efetuar atos, mas porque pratica sentidos, intervém no real. Essa é a maneira mais forte de compreender a práxis simbólica. O sentido é história. O sujeito do discurso se faz (se significa) na/pela história (ORLANDI, 2005, p. 95).

A acepção discursiva de práxis não pode, assim, ser desvinculada da totalidade natural e social do homem no mundo. No materialismo discursivo, os significantes (palavras, sons, suportes materiais) não estão estaticamente ligados aos significados (abstrações, ideias a serem representadas). As palavras simultaneamente refletem e refratam a realidade no pleno trabalho da ideologia; são os indicadores mais sensíveis dos acontecimentos sociais ao materializarem discursos e ideologias.

A práxis discursiva deve, portanto, ser compreendida em termos da materialização ideológica no discurso em uma base linguística, um processo simbólico, mas concreto:

Ao tratar da teoria do discurso como teoria da determinação histórica dos processos semânticos, Pêcheux se aparta da ótica do historicismo-comparatista [...] para recolocar uma história não linear, não homogênea, não contínua no centro dos processos de significação que são produzidos pelos discursos em determinadas condições de produção. [...] as relações do sujeito com a história e com os sentidos não podem mais ser tomadas como “representações” subjetivas que os sujeitos constroem sobre o real, mas, ao contrário, é o campo da prática concreta, da experiência, do vivido, que determina como o real precisa ser representado e significado como discurso (ZANDWAIS, 2009, p. 26-27).

É com base nas contribuições desses autores que reafirmamos a noção discursiva de práxis. O discurso pedagógico, seja pela sua legitimação institucional, mas principalmente pela sua possibilidade de ser mobilizador, múltiplo, é práxis discursiva na voz do professor, é a mediação didática materializada na linguagem.

Considerações finais

Em sintonia com M. Pêcheux, reiteramos a materialidade discursiva como um importante nível de existência sócio-histórica, uma conjunção entre o simbólico e o real que possibilita *novas condições verbais de existência*, condições estas que inscrevem concretamente a história na ordem do discurso e o próprio discurso no domínio da práxis.

Não há prática sem sujeito, assim como não há mediação didática sem a práxis professoral. Em síntese, neste trabalho apresentamos um estudo voltado para a compreensão

da assunção discursiva da autoria enquanto condição central para a práxis. A autoria, conforme exposto, extrapola o aspecto mais perceptivo do termo (autor do texto, da música, do quadro etc.), contudo vale frisar que esse aspecto de “inventividade” é imprescindível dentre as nossas possibilidades de atuação docente, conforme os trabalhos anteriormente citados, que promovem o encontro entre a linguagem científica e a linguagem artística por meio da produção de contos de ficção científica, histórias (da ciência) em quadrinhos, improvisação teatral, documentários científicos etc. com intentos didáticos, por exemplo. Com isso, chamamos a atenção para a amplitude da noção discursiva de autoria, do inaugural ao repetível, do empírico ao discursivo.

No discurso, o sujeito identifica-se com determinadas formações ideológicas — e as formações discursivas que as materializam na linguagem — para dizer a partir de uma posição-sujeito e arcar com os desdobramentos dessa tomada de posição, tanto no “domínio da linguagem” quanto em outros (PÊCHEUX, 2009). Assim, dentre as principais implicações que podem derivar da relação teórica discurso-práxis destacamos a mobilização da postura autoral que, dia após dia, nos é exigida, seja em momentos favoráveis à mediação didática, no livre exercício da prática docente, seja em uma conjuntura de incessantes tentativas de cerceamento, em que a assunção da autoria no processo educativo muitas vezes é confundida com perversão ideológica. Ao contrário, a ideologia está em tudo, é necessária, nos interpela e possibilita a nossa relação material com o mundo simbólico. Ensinar não é doutrinar, discordar é diferente de odiar, assim como o diferente não deve ser combatido; tanto o ensino quanto a diversidade requerem mediação, práxis discursiva e, acima de tudo (e de todos), respeito. Não somos somente “sujeitos físicos” falando em “lugares empíricos”, ou seja, no discurso passamos da situação empírica para a posição discursiva da práxis, tão significativa quanto a linguagem permite.

Referências

- CAZÓN, H. O. A. **As relações dos alunos com o saber na atividade de produção de documentário científico no ensino de biologia**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.
- CORACINI, M. J. R. F. **Um fazer persuasivo: o discurso subjetivo da ciência**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2007.
- FERREIRA, J. C. D. **Ficção científica e ensino de ciências: seus entremeios**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.
- FERREIRA, J. C. D.; OLIVEIRA, O. B. The pedagogic discourse of the teacher-author. **Revista Electrónica Interuniversitaria de Formación del Profesorado**, v. 9, n. 2. p. 15-24, 2016.
- GONÇALVES, M. B. **Performance, discurso e educação: (re)construindo sentidos de escola com professores em formação na licenciatura em Educação do Campo – Ciências da Natureza**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.
- KATAHIRA, B. Y. **Jogando, representando no Pibid: possibilidades e limites da improvisação teatral na formação de professores de ciências**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.
- LOPES, A. R. C. **Conhecimento escolar: ciência e cotidiano**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.
- OLIVEIRA, O. B. **Discurso dos licenciandos em ciências biológicas: um caminho para a reflexão sobre a formação de professor-autor**. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 6. ed. Campinas: Pontes Editores, 2005.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 6. ed. Campinas: Pontes Editores, 2011.

ORLANDI, E. P. **Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia**. 2. ed. Campinas: Pontes Editores, 2012.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi et al. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

TELLEZ, I. R. **A abordagem histórica no ensino de ciências: um estudo discursivo com licenciandos do Pibid**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

ZANDWAIS, A. Perspectivas da análise do discurso fundada por Michel Pêcheux na França: uma retomada de percurso. **Série Cogitare**. v. 8. Santa Maria: Programa de Pós-Graduação em Letras – UFSM, 2009.